

O fim da roupa que “emagrece”

A ideia da roupa que “emagrece” virou um objetivo quase obrigatório a hora de se vestir. Mas algo vem mudando – e não só na questão estética, mas comportamento, percepção e, principalmente, na relação com o próprio corpo. Talvez estejamos vivendo o começo do fim dessa lógica. Quando a principal função de uma roupa é “corrigir” o corpo, a mensagem implícita é clara: existe algo errado que precisa ser escondido. Isso influenciou gerações a se vestirem pensando primeiro em parecer menores, e só depois em conforto, estilo ou identidade.

A etiqueta contemporânea – aquela que vai além das regras e entra no campo do respeito – começa a propor outra pergunta: e se a roupa existir para expressar, e não para diminuir? Vestir-se bem não deveria ser sobre desaparecer, mas sobre estar presente. Sobre comunicar quem você é, como se sente e como quer ocupar o espaço ao seu redor.

O comportamento também acompanha essa mudança. Hoje, elegância está muito mais ligada à coerência, ao cuidado com a imagem pessoal e à autenticidade do que a truques visuais para parecer mais magro. Silhueta deixa de ser prioridade absoluta e outras qualidades passam a ter valor.

Isso não significa abandonar cortes estratégicos ou preferências pessoais mas que a motivação muda: você escolhe o que valoriza seu estilo – não o que tenta apagar seu corpo.

Podemos comemorar, pois o fim da roupa que “emagrece” não é sobre abandonar estética. Mas propõe abandonar a ideia de que o corpo precisa ser corrigido para ser aceito.

Elegância real não está no quanto você parece menor. É mais importante parecer segura, confortável e coerente com quem é. Porque a roupa certa não é a que te diminui e sim aquela que te representa.